



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**SARA LETÍCIA SANTOS DA SILVA**

**HISTÓRIAS PESCADAS ENTRE CASTANHAL E MIRASSELVAS: UMA  
TRAJETÓRIA DE CONEXÕES DE VIDAS**

Belém - Pará  
2025



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**SARA LETÍCIA SANTOS DA SILVA**

**HISTÓRIAS PESCADAS ENTRE CASTANHAL E MIRASSELVAS:  
UMA TRAJETÓRIA DE CONEXÕES DE VIDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Instituto de Ciências das Artes da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de professora de teatro.

Orientador(a): Professora Ma. Alana Clemente Lima

Belém - Pará  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

S586h      Silva, Sara Letícia Santos da  
              Histórias pescadas entre Castanhal e Mirasselas: uma trajetória  
              de conexões de vidas / Sara Letícia Santos da Silva. 2025.  
              26 f.  
  
              Orientadora: Profª Ma. Alana Clemente Lima.  
  
              Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará,  
              Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de  
              Licenciatura em Teatro, Belém, 2025.  
  
              1. Teatro. 2. Autoetnografia. 3. Contação de histórias. 4. Poética  
              pedagógica. 5. Memorial autobiográfico. I. Título.

---

CDD - 23. ed. 792

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**

**ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e vinte e cinco, às dezoito horas, reuniu-se na Sala de Prática da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelas docentes: Profa. Ma. Alana Clemente Lima (Orientadora e Presidente), Profa. Dra. Inês Antônia Santos Ribeiro (Examinadora) e Profa. Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, da graduanda SARA LETICIA SANTOS DA SILVA, matrícula 202011240026, intitulado: "Histórias pescadas entre Castanhal e Mirasselas: uma trajetória de conexões de vidas".

O trabalho foi apresentado com conceito EXCELENTE (\_\_\_\_\_), com as seguintes observações revisão textual, revisão geral para publicação e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 29 de agosto de 2025.

*Alana Clemente Lima*  
Profa. Ma. Alana Clemente Lima  
Orientadora e Presidente

*Inês A.S.R.*  
Profa. Dra. Inês Antônia Santos Ribeiro  
Examinadora

*Adriana Maria Cruz dos Santos*  
Profa. Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grande rio da vida, que correu comigo durante toda essa travessia. Cada correnteza enfrentada e cada remanso encontrado trouxe-me aprendizados que me conduziram até aqui.

Às pessoas que foram margens seguras nesse percurso, minha mãe, amigos, professores e meu grande amor, minha gratidão por serem porto e ponte, por me sustentarem quando as águas estavam revoltas e por celebrarem comigo quando a maré se fez calma.

Agradeço às histórias, que são como rios: nascem em nascentes de memória, percorrem caminhos, encontram outros cursos e deságuam em novos horizontes. Foi com elas, e por elas, que este trabalho se fez possível.

Rendo minhas águas à força de Oxum, senhora dos rios, que ensinou a doçura, a beleza e a paciência para seguir o curso, mesmo quando as pedras tentaram barrar o caminho. E à grande mãe Iemanjá, senhora dos mares, que acolhe todas as águas e me deu coragem para navegar até a imensidão.

Que cada voz que me guiou, cada narrativa que me inspirou e cada encontro que se fez canoa permaneçam vivos nas águas que agora seguem adiante.

## RESUMO

Esta pesquisa, desenvolvida no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Pará (UFPA) para o trabalho de conclusão de curso, ancora-se na Autoetnografia e se constrói como uma travessia narrativa, onde a artista mergulha em suas próprias águas para compreender as correntes que moldaram sua trajetória cultural e pedagógica. A escrita assume o formato de memorial, tornando-se ponte entre a lembrança e criação, numa poética que não se limita a relatar fatos, mas, como lembra Sylvie Fortin (2009), busca comunicar sentidos. O uso da contação de histórias é aqui investigado como um dispositivo poético-pedagógico capaz de promover o contato social entre comunidades e de instaurar uma reconexão cultural. Ao mergulhar nesses rios, a artista se conecta com a natureza e faz do corpo um instrumento de transmissão, dando forma sensível à comunicação, como aponta Paul Zumthor (2000), quando afirma que “a performance é o único modo vivo de comunicação poética”. O caminho norteador desta investigação dialoga com a dissertação de Marluce Silva (2019), no PPGARTES, bem como com as obras de Ana Maria Machado (2001) que defendem uma educação sensível, criativa e libertadora. Cada relato torna-se fio que entrelaça histórias já existentes, apenas à espera da mão que as valorize e as mantenha vivas. Assim, este estudo compreende, com Ana Maria Machado, que as narrativas tradicionais são heranças preciosas, confiadas à nossa voz para serem transmitidas às novas gerações, fortalecendo a cultura regional, ampliando o conhecimento e perpetuando a identidade coletiva. Dessa forma, o objetivo maior desta escrita não é apenas descrever, mas comunicar poeticamente uma experiência: transformar a pesquisa em um processo criativo e acadêmico, em que a contação de histórias se afirma como caminho de aprendizagem, resgate e reinvenção cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** autoetnografia; contação de histórias; poética-pedagógica; memorial; identidade coletiva.

## **ABSTRACT**

This study, developed within the Undergraduate Program in Theater at the Federal University of Pará (UFPA), is based on Autoethnography and presents itself as a narrative process through which the artist reflects on her cultural and pedagogical trajectory. The writing adopts the form of a memorial, functioning as a bridge between memory and creation, and aims not only to describe but to communicate meanings (Fortin, 2009). Storytelling is investigated as a poetic-pedagogical tool capable of fostering social interaction among communities and strengthening cultural reconnection. In this context, the body is considered a central medium for transmitting knowledge and meanings, aligning with Zumthor's (2000) assertion that "performance is the only living mode of poetic communication." The research draws on the dissertation of Marluce Silva (2019) in the PPGARTES program, as well as the works of Ana Maria Machado (2001), which highlight the importance of a sensitive, creative, and emancipatory education. Each narrative is understood as a thread that interlaces pre-existing stories, sustaining and transmitting them across generations. In this sense, traditional narratives are considered cultural heritage, entrusted to the voice as a means of strengthening regional culture, expanding knowledge, and preserving collective identity. Therefore, the main objective of this work is to transform storytelling into both a creative and academic process, reaffirming its role as a pedagogical practice that enables learning, cultural recovery, and reinvention.

**KEYWORDS:** autoethnography; storytelling; poetic-pedagogical approach; personal narrative; collective identity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>BRAÇOS DE RIO, CONEXÕES .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>A nascente .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>Água e misticismo .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3</b>	<b>Poder do elemento água .....</b>	<b>14</b>
<b>2.4</b>	<b>Sentimento do rio .....</b>	<b>15</b>
<b>2.5</b>	<b>Rio ancestral .....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>HISTÓRIAS PESCADAS .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>ENCONTROS DE RIOS .....</b>	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>FOZ/CONCLUSÃO.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Toda contação de história tem uma gênese e a minha gênese é essa. Para iniciarmos com o mergulho a essa história, a metodologia para essa pesquisa será a Autoetnografia, é uma auto narrativa, que busca a compreensão do percurso pessoal da artista, por meio das suas trajetórias a fim de compreender a experiência cultural com o meio, ou seja, segundo Cinthia Souza (2016, p. 27), é ter a experiência de narrar as próprias histórias. Sendo assim, se dá ao fato de que os relatos de minha história são importantes para meu processo criativo, e acadêmico, desenvolvendo saberes pelas formas de escrita e vocativas, como diz Sylvie Fortin, a narração não tem por objetivo relatar fatos, mas se tornar principalmente um ato de comunicação. Utilizo da escrita em formato de um memorial para abordar minha narrativa, em que o resultado do trabalho é uma poética de contação de história, e assim continuar com os relatos para atingir um entrelace de conexões.

Através de meu relato podemos chegar a outros, pois as histórias já existem, só precisam de uma ferramenta para sua valorização que seja utilizada para expressá-las e mantê-las vivas. Ana Maria Machado (2001) diz que através das histórias tradicionais populares ocorre a herança da trajetória cultural humana, é um tesouro confiado a nós e que devemos transmitir para a nova geração e assim conservar nossa identidade.

O registro da identidade de um povo se dá através da cultura na qual esse povo se define. A Cultura Amazônica é rica em manifestações culturais, está presente nos centros das cidades, nas periferias, nas ilhas e nos interiores, onde as culturas conversão entre si, seja por meio lendário, dos costumes, do linguajar, da culinária, das artes, entre outras presentes na cultura popular. Viver na Amazônia proporciona uma convivência constante com as expressões culturais da região, navegar pelos rios amazônicos permite um contato próximo com essas tradições, revelando a beleza das paisagens tanto das comunidades ribeirinhas quanto das cidades cercadas por esses rios, esse costume nos ajuda a entender o modo de vida dos ribeirinhos, a riqueza da nossa cultura e o valor que essa paisagem tem para nós.

Nesse contexto Loureiro (2008) em sua visão sobre a paisagem amazônica, composta por rio, floresta e devaneio, é que sigo na pesquisa como forma de reconhecimento da cultura regional, pois é visto nos últimos tempos que nossa cultura pode ser deixada de lado, e existe a necessidade em manter estudos antropológicos de um povo para que a cultura se mantenha viva.

O uso da contação de histórias é visto nesta pesquisa como um dispositivo poético-pedagógico para o acesso de transmissão do contato social entre as comunidades, é esperado uma espécie de reconexão cultural. Mergulhando nesses rios, busco me conectar com a natureza

e trazer o corpo presente para também ser utilizado como ferramenta para atingir as comunicações de forma poética, pois, como diz Paul Zumthor (2000) “(...) É que a performance é o único modo vivo de comunicação poética.” Venho a concordar que é um modo eficaz, trazida por um pensamento empírico sobre os desdobramentos do uso da voz poética. Desse modo, essa pesquisa pode ser utilizada como forma de incentivo para o enriquecimento e conhecimento das novas gerações, assim como potencializar a cultura regional.

Para além das histórias, como as narrativas orais impactam no fortalecimento das comunidades e como utilizá-las de forma poético-pedagógica no estudo teatral? As atividades também se estendem às salas de aula onde se desenvolvem e levam a construção do trabalho para a prática pedagógica tendo como objetivo intensificar a importância que a arte de contar tem em minha vida e de como essa prática poderá influenciar meu profissional como futura educadora. Essa expressividade mostra a capacidade do ser humano para a representação, pois a arte contribui para um desenvolvimento que vai além da técnica, alcançando a criatividade e a sua valorização nas escolas como ferramenta de aprendizagem, unir arte e educação não apenas torna as aulas mais envolventes, como também humaniza o processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, ao contar a minha história, como uma mulher negra, afro-religiosa e de minha relação com os rios amazônicos e ancestralidade, retrato a conexão com outras narrativas que fazem parte da nossa cultura e mostro como é importante esse resgate cultural do nosso popular amazônida. A Amazônia possui um imaginário poético que se encaixa nas ligações que seus habitantes têm, isto é, segundo Paes Loureiro “na Amazônia o imaginário é uma espécie de Sfumato que poetiza a relação entre o homem e a natureza, entre o real e o surreal, instaura e configura essa zona indistinta de devaneio, entre a realidade e o imaginário”. (2008, p. 87).

Historicamente se comunicar sempre foi um ato de ensinamento que era transmitido oralmente como forma de conhecimento e heranças culturais dos ancestrais, essa forma se fortalece desde então para que a função de explicar as visões de mundo, sejam desenvolvidas ao longo dos anos. Com isso, a arte de contar histórias pode ser utilizada como instrumento de valorização do ser humano e fortalecimento de si e o empoderamento da cultura, foi por meio dessa arte que muitas sociedades mantiveram vivas suas memórias para a prevenção de suas identidades. Portanto, está pesquisa teve como objetivo a criação de uma contação de história encenada a partir da minha trajetória com os rios amazônicos em consonância com as narrativas orais de crianças, jovens e lideranças das comunidades desses rios, contada através de um baú de histórias em formato de um barco, a contação foi utilizada como dispositivo poético-pedagógico para que ocorressem as conexões e se apresentassem as histórias “pescadas”,

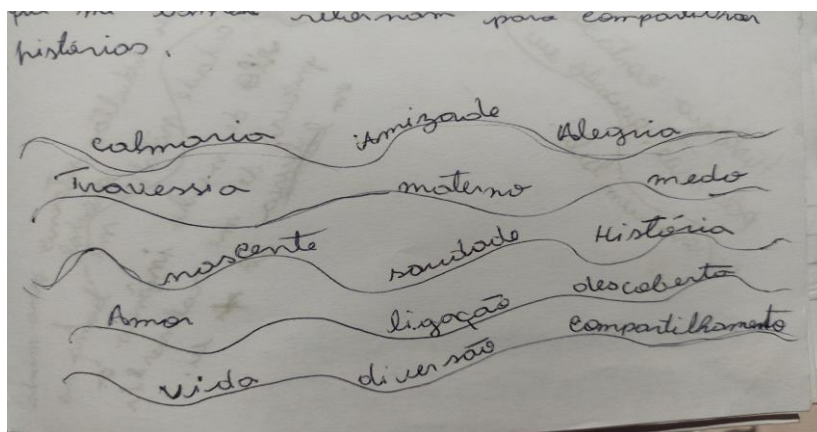
utilizando o processo pedagógico da contação e em seguida de uma roda de conversa, foi então que os relatos surgiram para fazer parte dessa grande “pesca”, para que assim outras narrativas continuem sendo desenvolvidas.

Durante as pesquisas fui de encontro às publicações do programa de pós-graduação em artes (PPGARTES) e refletir sobre a dissertação da pesquisadora Marluce Silva que conversa a respeito da contação de histórias e seu processo criativo como artista e arte-educadora, me levando a reflexões sobre o uso da contação de histórias como forma de incentivo a criatividade para estudantes das comunidades ribeirinhas como meio de potencializar a cultura. Pois, é através das histórias que muitas sociedades mantiveram vivas suas identidades, trazer esse resgate cultural é de suma importância.

Desse modo, meu traçar segue por um entendimento do uso de meu processo criativo em que seguirei um olhar atento para construir um fazer poético, de acordo com o pensamento de Marluce Silva (2022) que diz, “compreender a arte de contar histórias é como algo que tem recursos próprios de desenvolvimento e que apenas aguarda por minha entrega verdadeira.”

Esse memorial será atravessado por imagens e registros do meu acervo pessoal de pesquisa, de meu caderno de pesquisa que é um álbum de memória da minha história, por isso é permeado de narrativas e imagens de forma fluida, seguindo o curso do rio.

## Braços de rio, conexões

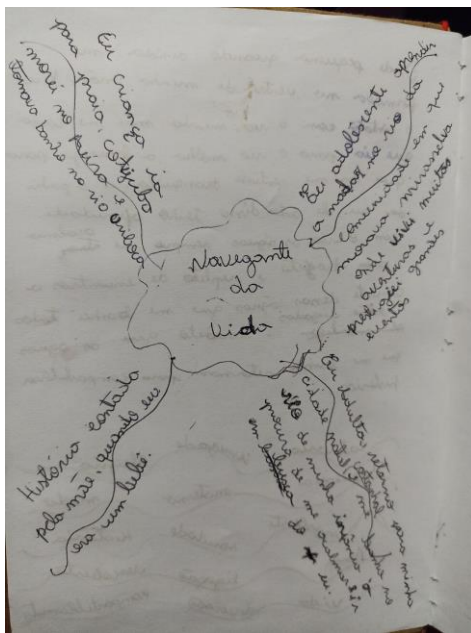


*Rio Apeú e rio Quatipuru localizados no interior do Pará nas cidades de Castanhal e Mirasselas, foto registrada por Solange Cardoso fotógrafa. Página do meu diário de memórias.*

## 2.1 A nascente.

Minha infância foi marcada pelos rios Guamá e Tracuateua, começando por um braço do rio Guamá chamado Apeú, localizado na cidade de Castanhal-PA, lugar onde se encontram igarapés majestosos. Minha mãe me falava que, quando eu ainda estava em sua barriga e ficava muito agitada, ela ia se banhar no igarapé, porque percebia que isso me acalmava.

Lembro dos piqueniques que minha família fazia, como tradição na ilha de Cotijuba, em especial na praia do vai-quem-quer. Ficava em êxtase com aquela água gelada de ondas calmas, tanto que nem fome sentia, só queria brincar na água.



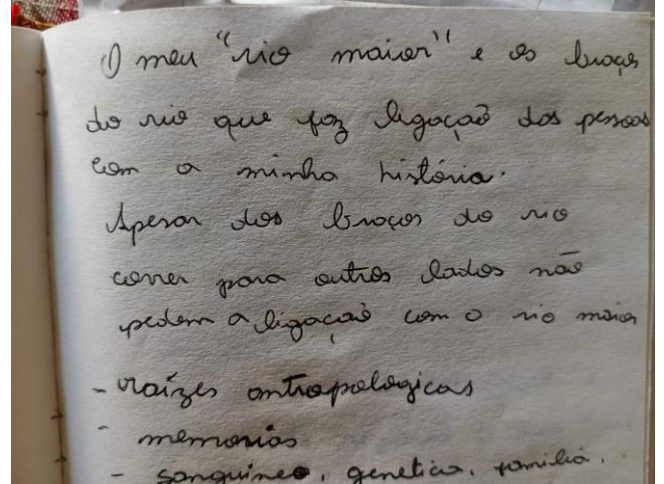
Na adolescência mudei para uma comunidade chamada Mirasselvas, localizada no interior da cidade de Capanema-PA, lá a região é regida pelo rio Tracuateua e Quatipuru, onde no rio da ponte como é chamado pelos moradores, aconteciam eventos, celebrações, encontros e muito mais. Foi naquele rio que aprendi a nadar, fiz amizades e presenciei maravilhosos espetáculos sobre as lendas da nossa cultura regional, em um evento criado pelos próprios moradores chamado Lual, o rio servia como palco para as apresentações e a luz do luar como iluminação, todos ficavam reunidos para prestigiar a festa.

Outra alegria que compartilho foi a Avuada, era o momento que os pescadores chegavam com os cestos cheios de peixes, eles selecionavam os que seriam vendidos e os que ficariam com a gente para fazer uma grande celebração de encontros, era construído uma churrasqueira com tijolos e tábuas que ali encontravam, colocavam os peixes para assar e comíamos com a mão mesmo, junto com a farinha que produziam pelas redondezas.

Algum tempo depois, retorno para minha cidade Castanhal, lugar que me deleitava e, agora com saudades, refresco a memória daqueles banhos nas águas serenas. No mergulho dessa caminhada de encontros e conexões essas águas ficaram em minha memória, com toda sua extensão e que me traz o compartilhamento de conhecimentos nessa grande travessia pelo rio de minha vida.

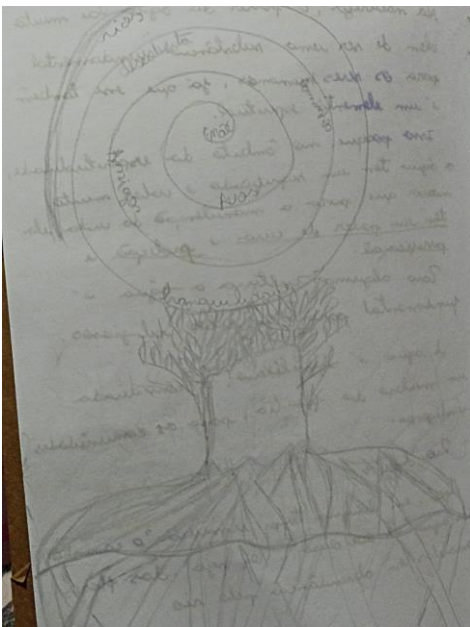
O curso desse rio tem memórias e através delas podemos acessar histórias de nossos antepassados, a água tem caminhos que passam e já passaram por ela, tem sentimentos, tem relatos de vidas, e aqui as conexões seguem por simbologias e outras histórias. O rio corre como

quem se lembra. Em seu curso, há sussurros antigos, memórias que escorrem pelas pedras, histórias contadas em silêncio pela correnteza, a água vive, sente, observa ela já viu muito mais do que podemos imaginar, já passou pelos pés das crianças e sepultou segredos dos velhos, já foi lágrima, batismo, travessia, cada gota que passa talvez já tenha passado mil vezes, carregando em si retalhos de outras eras. A simbologia que envolve a água é infinita: nascimento, cura, passagem, tempo, ela se conecta com tudo, com todos, é ponte entre mundos, entre o que fomos e o que seremos, quando olhamos para o rio, talvez o que vemos não seja apenas a paisagem mas também a lembrança viva daquilo que não deve ser esquecido.



## 2.2. Água e misticismo

Entre tantos significados, a água pode simbolizar a origem da vida, a fecundidade, a fertilidade, a transformação, a purificação, a força e a limpeza. Quando Claci Strieder diz que “A água está ligada ao sagrado em quase todas as culturas” traz profundas reflexões, pois a água guarda segredos e profundezas que ainda não entendemos. Água e vida são tão próximas que parecem um único ser.



## 2.3 Poder do elemento água

De acordo com a literatura, a água representa a fluidez, a intuição e a emoção. As mulheres deste elemento são sensíveis, perceptivas e possuem uma forte conexão com as emoções, sejam as suas próprias ou as dos que as cercam. Pacientes e só sonhadoras, elas possuem uma intensidade no olhar e o dom de ler as pessoas. Na natureza, o poder da água vai muito além de ser uma substância fundamental para os seres humanos, já que esse também é um elemento espiritual, isso porque no âmbito da espiritualidade a água tem um significado e valor muito maior que para a manutenção da vida, ela tem um poder de curar proteção e

purificação. Para algumas culturas a água é fundamental para seu rito religioso. A água é equilíbrio, é considerada um membro da família, para as comunidades indígena. O rio no seu estado líquido me traz lembranças marcantes de quando passei minhas férias em Mosqueiro e levantava cedo para presenciar o orvalho e a névoa da manhã.

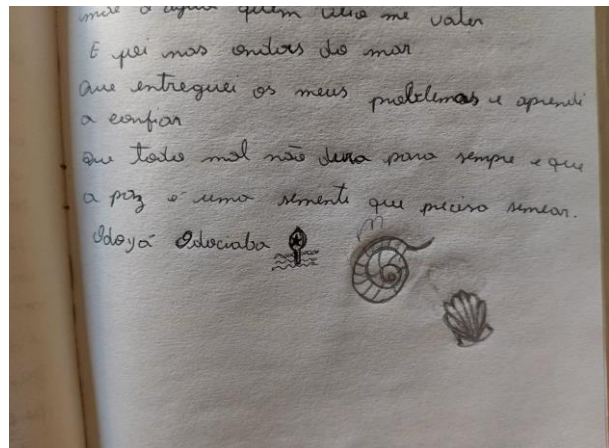
#### 2.4. Sentimento do rio

O rio tem cheiro, sensações, estado de tranquilidade, é feroz, tem sons de pássaros, barulho da água o rio é vivo assim como tudo que se encontra nele, é também resistência pois sobreviver a tanto tempo e tantas degradações não é fácil porque ocorre o que Ailton Krenak nos diz “sempre estivemos perto da água mais parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios”. Sim, o rio respira por aparelhos para continuar existindo.

#### 2.5. Rio ancestral

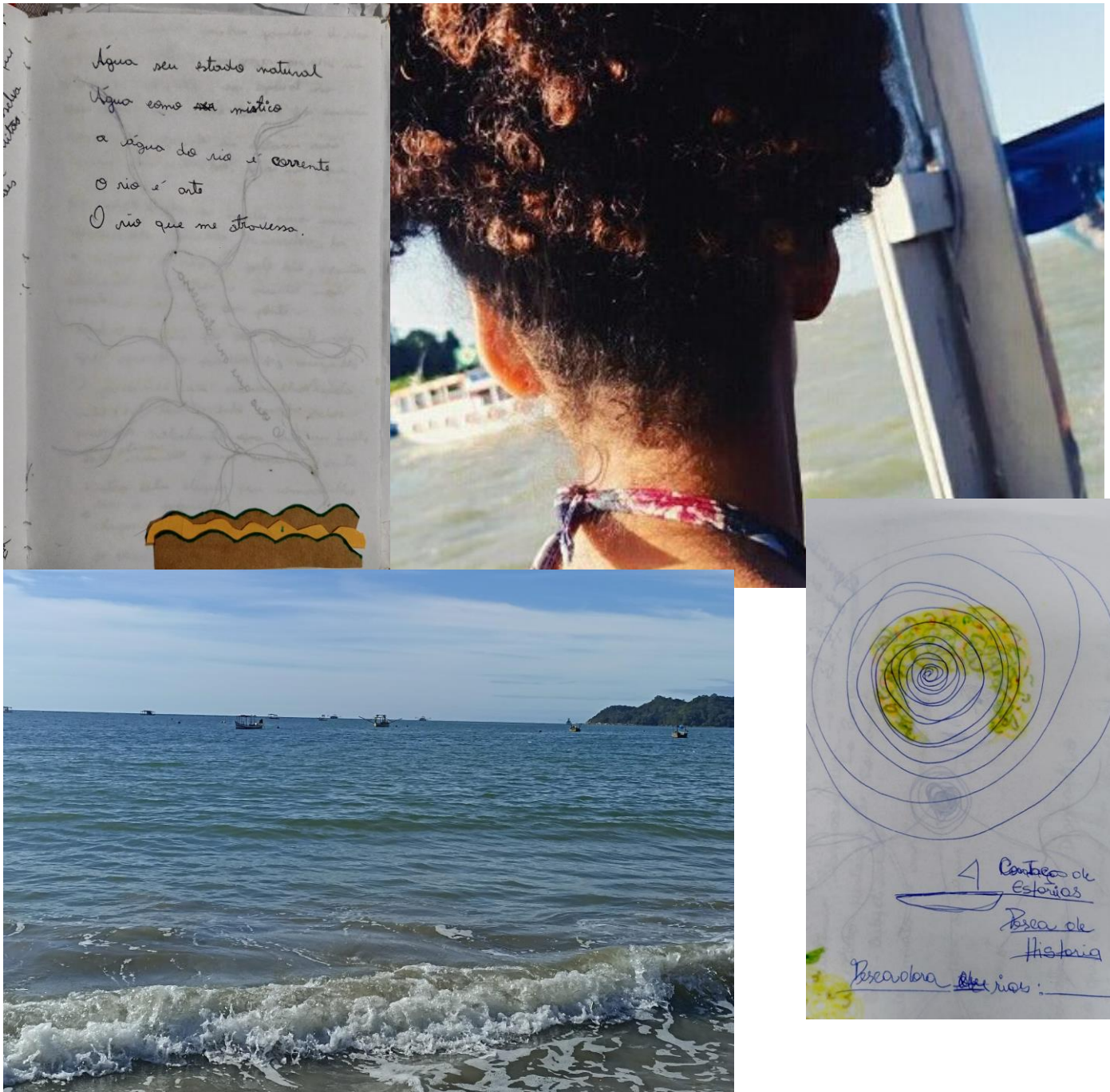
E nesse rio de minha vida é que vou de encontro a minha ancestralidade, pois durante essa pesquisa me encontro novamente diante agora do mar.

Sendo guiada pela minha amada rainha do mar, minha mãe Iemanjá, que me trouxe guias e mentores de suas águas sagradas para que possam me auxiliar nessa travessia da vida, sou grata pela presença de mãe Mariana que sempre esteve ao meu lado antes mesmo do meu nascimento, ao meu pai Seu Marinheiro Fernando que me aconselha com suas palavras certeiras e



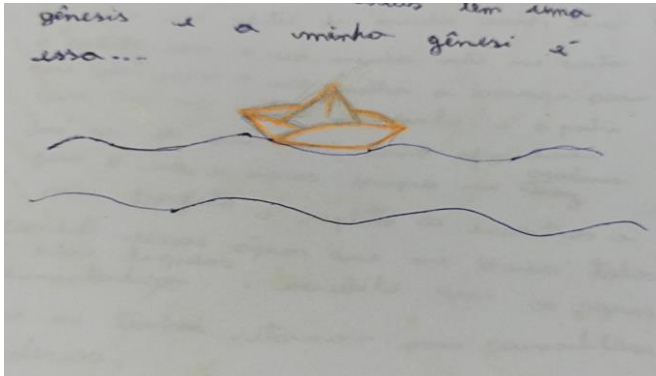
minha amada guia de cabeça Dona Joana Gunça, a flor do mar, que me dá forças, coragem e determinação para seguir. As águas são meu porto seguro de força e morada, é onde meu espírito e matéria se encontram, é minha arte e vida. Compartilhar histórias são vivências significativas de quem as conta e quem escuta, é uma importante valorização, empoderamento de gerações, utilizando a contação de histórias dispositivo poético- pedagógico, obtive narrações marcantes.

## Histórias pescadas



*Registros de travessias sobre o rio Guamá e praia oceânica, páginas de meu diário de memórias e fotografias da autora.*

O rio possui muitas histórias e muitas dessas são vivenciadas por outras pessoas, certa vez ouvi falar sobre histórias do boto que não deixou a menina em paz enquanto ela não saiu de sua comunidade, outra vez ouvi dizer que fazer a travessia a noite para as ilhas é o melhor horário pois presenciar as estrelas e a luz do luar é emocionante e magnífico. Viver o rio é estar em constante memórias familiares, afinal o rio também é sanguíneo.



Através de conversas em algumas tardes tomando aquele café com pupunha, fiz a coleta de algumas histórias pelas comunidades de Castanhal, Belém e interiores, nessa conversa perguntei aos entrevistados “como que o rio os atravessa?” escrevi em meu caderno de memórias e assim os relatos surgiram.

### ***História de uma ribeirinha do marajó***

"Eu nunca imaginei que a minha primeira menstruação seria tão marcante, não apenas por ser um momento importante na minha vida, mas também por causa das crenças e superstições da minha comunidade. Na época, eu morava no Marajó, onde a minha família é ribeirinha e indígena, e lá as coisas são diferentes. A gente vive em harmonia com a natureza, mas também com os seus mistérios.

Quando eu menstruei, eu tinha uns 11 anos, e foi um choque para mim. Eu não sabia o que estava acontecendo com o meu corpo. Principalmente pelo fato de eu andar livre na floresta, e com a menstruação isso mudou. E logo depois, o meu tio começou a fazer uma defumação com chifres de búfalo para afastar o boto. Eu não sabia o que era isso, mas logo descobri que o boto e outros encantados eram uma presença constante na nossa comunidade.

Eles dizem que o boto é um encantado, que pode se transformar em um homem bonito e sedutor. Mas também é perigoso para as mulheres menstruadas. Eles acreditam que o boto pode se apaixonar por uma mulher que está na sua primeira menstruação e levá-la para o fundo do rio. Eu não sabia se era verdade, mas eu sabia que eu não queria que isso acontecesse comigo.

Um dia, por volta das 18h, eu ouvi um barulho estranho fora da nossa casa. Era um choro, como se fosse uma criança. Eu fiquei assustada e perguntei para a minha família o que era aquilo. Eles disseram que era o boto, que estava tentando me encontrar. Eu não sabia o que fazer, então eu fiquei quieta e esperava que ele fosse embora. Lembro de não poder entrar no rio nem se estivesse em uma canoa.

Mas o boto não foi embora. Ele continuou a chorar e a tentar jogar água na minha cara, então por precaução, meu irmão sempre ficava comigo.

Eles me levaram para uma casa mais afastada principalmente porque na casa que eu estava a cozinha da casa era toda aberta, não tinha uma parede ou porta, e nessa nova casa, ela era toda fechada pro boto não entrar e era um lugar onde eu poderia ficar longe dele.

No caminho, eu e meus parentes viam ele boiando perto do barco do meu cunhado, e da casa onde eu tava para outra, eram umas 4 horas de viagem de barco. Quando chegamos lá, eu ouvi batidas na porta. Era o boto, que estava tentando me encontrar. Meu cunhado e meu irmão foram logo se preparando para atirar nele se ele entrasse na casa, os cachorros latiam sem parar. Mas então, eu olhei para fora e vi um homem de branco com um chapéu. Ele pulou na água e desapareceu. Eu fiquei impressionada e assustada ao mesmo tempo. Eu não sabia o que era aquilo, mas eu sabia que não era normal.

Essa experiência foi marcante para mim. Eu percebi que a minha comunidade tem uma relação muito especial com a natureza e com os seus mistérios. E eu também percebi que a lenda do boto é mais do que apenas uma história. É uma parte da nossa cultura e da nossa identidade.

Confesso que antes eu não acreditava na história do boto, por conta de todo o processo histórico e violência que muitas ribeirinhas sofreram, e hoje eu entendo que muitos homens daquela época utilizaram da nossa história que nós conhecemos para se esconder e fazer o que bem entendem suas violências e sempre culpar o boto, por isso que muitas pessoas não acreditam na história do boto, mas ela é real, infelizmente teve pessoas que vieram aqui e utilizaram essa história para justificar suas atitudes e colocar a culpa nele, mas eles os encantados são seres que vivem na natureza eles não são só animais, eles são animais, são plantas, são partes, são reinos que tem dentro da natureza e eu acredito na minha comunidade.”

### ***Relato de uma interiorana de São Francisco do Pará***

“ O rio me atravessa como uma doce saudade e cheiro de água pura que me acompanha até os dias de hoje... Os gritos e brincadeiras dentro do rio soam sempre como música, por que é tão difícil esquecer esse som?

Por que ali dentro de cada mergulho, eram os melhores momentos que ficaram em minha memória, lembro que quando criança eu e meu primos, brincávamos com a canoa furada só pra ficar no sufoco e ter que secar a canoa enquanto afundava, e as risadas eram as melhores sensações dadas a cada um de nós, tínhamos momentos que as refeições eram feitas com os pés

no rio, que era para não ter que descansar e poder mergulhar novamente, naquele lugar que era o nosso melhor refúgio.”

### *Narrativa do menino do rio de Barcarena*

“ Na infância, as idas pra Belém eram apenas para lazer, na adolescência sumiram e voltaram em 2017 quando entrei na faculdade de história, lá me chamavam de ribeirinho e antes eu tinha muito medo de causar apropriação cultural quando as pessoas falavam que sou apenas por ser de barcarena, sem conhecerem a cidade e no meu entendimento, ribeirinho era quem dependia inteiramente do rio, pra comer e se transportar. Pensava isso até a ponte da alça viária cair em 2019 e minha vida se tornar um caos. Indo 13h pra Belém e voltando 2h da manhã por conta do trânsito de carretas para entrar na balsa ou pelas barricadas por conta de protestos dos moradores da vila do arapari ou de caminhoneiros estressados por perca de carga devido carros menores furarem a fila da balsa. Então muitas vezes voltava madrugando e tinha que acordar cedo no dia seguinte pra ir novamente pra Belém para o estágio obrigatório.

Outro momento que me fez refletir também sobre minha dependência dos rios, foi quando moradores da ilha trambioica na frente de barcarena fecharam o furo do arrozal, local onde as lanchas passam para chegar até Belém, o protesto era pela falta de energia, de dias, que a empresa equatorial custava a resolver, então o jeito foi fechar para que nem trabalhadores fossem para as indústrias que vem nas lanchas da empresa e nem as lanchas que funcionam nos portos da prefeitura pudessem passar e fazendo faltar alguns dias na faculdade.

Além desses momentos tem as incontáveis vezes que o barco ficou preso em barrancos de areia no meio da baía ou por lanchas pararem de funcionar por falta de manutenção, fazendo com que eu me atrasasse nos compromissos.

E ir de barco custa mais do tempo, porém é seguro quanto a maresias, por estar em uma sociedade onde estamos sempre ocupados, na maioria das vezes vou indo de lancha, porém tem os horários bons e ruins de viagem. Depois das 16h, entrar em uma lancha é só quem tem coração forte, porque o quanto ela voa e faz barulho os impactos contra onda é pra fazer ateu começar a rezar. E quando em chuva, o problema nem é a água, é o vento e quando o tempo fica totalmente sem visão em alto mar, uma das experiências mais horríveis que vivi.

Mas nem tudo é azar sobre quem vive parte do tempo sobre as águas, aqui em barcarena toda vez que ocorre um evento astronômico o tempo tá nublado e impede a vista. Dentro do barco, várias vezes pude presenciar o céu estrelado sem as luzes dos postes, impedindo a visão, uma vez consegui presenciar a lua de sangue e outra uma super lua.

Atravessar o rio me fez descobrir o teatro, pessoas incríveis com quem vivi ótimas experiências e uma cidade com lugares e eventos que sempre via apenas pela televisão.

Fez eu conhecer e ver muita gente da minha cidade e muito de nós nem nos falamos, seja na viagem ou na cidade mesmo, mas quando ocorre algum problema no porto a gente se reconhece, já ouvir um "ei, tu sempre vem na última viagem né?", ou "sei quem é tu, já te vi no barco".

Devido às idas pra Belém por trabalho e estudos, o rio enquanto viajar por ele é pra mim símbolo de cansaço, mas enquanto na frente da minha cidade e lugar pra qual eu fujo sempre que preciso pensar e passar o tempo sozinho ou com amigos, simboliza calma e restauração.”



*Registros de meu diário de memória.*

## Encontros de rios



- sanguíneo, genética, família,  
história.

O rio lembra as correntes sanguíneas  
e essas correntes chegam no cérebro



*Rio Apeú e rio Quatipuru localizados no interior do Pará nas cidades de Castanhal e Mirasselas, foto registrada por Solange Cardoso fotógrafa. Página do meu diário de memórias.*

A relação entre as histórias pescadas e como iniciei a criação de minha história encenada, foi em virtude do fato das memórias e sentimentos que o rio nos proporciona, as lembranças de estar nesse lugar as sensações de suas águas e todo seu misticismo, unir memórias, histórias, sentimentos, cultura... com o uso do estudo da realidade segundo Paulo Freire que diz “é um processo dialético e crítico, onde o indivíduo se torna sujeito da sua própria história e transforma a realidade através da ação e reflexão” utilizo de sua filosofia para a conscientização sobre a importância de analisar a realidade que as comunidades vivem sobre suas culturas. A partir das histórias “pescadas” surgiu uma contação sobre Castanhal e Mirasselas: dois rios que nunca se viram, mas que, quando a lua adormece, sussurram na noite silenciosa e sonham com o dia em que se encontrarão, esse encontro é realizado através de uma filha, ponte viva capaz de unir margens distantes. Diz assim. **“Os rios que se buscam.**

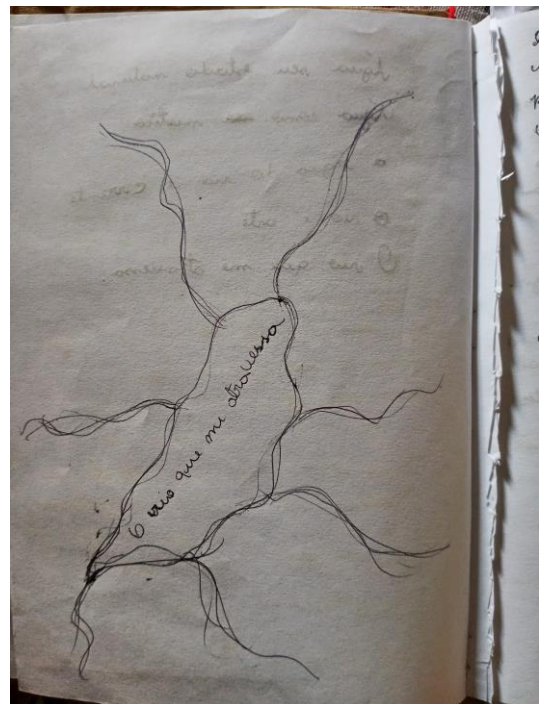
Nós vivemos perto da água. Mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios.”

Ailton Krenak

Era uma vez, antes do nome, antes da escrita, dois rios nascidos longe um do outro, mas com saudade já

tatuada na correnteza. Um deles nasceu no ventre da floresta, onde as árvores falavam grosso, e o céu se escondia entre galhos. Chamavam-no Mirasselas, porque um homem um dia parou ali, e ao mirar as selvas com olhos cheios de silêncio, deu nome ao mistério que o cercava. Mirasselas era quente como febre de agosto. De seu corpo escorriam igarapés finos, o tracuateua, o Quatipuru, como fios de veia viva. Era um rio de floresta antiga, mas sua mata foi cortada por ferro e fumaça. A terra cansada, lavada de chuva, aprendeu a germinar mesmo assim mesmo quando arrancaram dela a floresta-mãe. Mirasselas se tornou resistente. E resistir também era um jeito de amar. Do outro lado, nascido do encontro entre brancos, negros e Tupinambás,

Ocorre o rio Castanhal. Feito de ferro e sol, de homens que vieram do sertão com a enxada na mão e a esperança nos ombros. Castanhal não veio da floresta. Veio da terra cortada pela estrada de ferro e onde o ferro passa, a história se acelera. Ele cresceu como vila, virou cidade, mas nunca deixou de ser água em movimento. Tornou-se comércio, sustento, polo de criação. Rio



que carrega a força da invenção, mas que lembra, no fundo, o sangue Tupinambá do caminho das águas de ouro" do "caminho das flores amarelas em abundância pelo rio. "Mirasselas e Castanhal. Dois rios que nunca se viram, que nunca se olharam frente a frente, mas que, quando a lua dorme, escutam um ao outro, no silêncio da noite. Um pelo cheiro das árvores, outro pelo som dos trilhos fantasmas. E sonham. Com um desaguar que ainda está por vir. E nesse sonho de águas, desejam um corpo que seja ponte,

uma filha que os une. Dizem os antigos que essa filha nasceu do ventre da terra: olhos de correnteza, cabelos de vento, Um pé fincado em Castanhal, outro em Mirasselas. Onde caminhava, brotavam flores. Onde descansava, nasciam caminhos. E, quando estendeu os braços sobre os rios, transformou-se em passagem, ponte viva, feita de sonho, feita de amor.

E diante dessa travessia outras pessoas fizeram parte. E nesse deságua juntos partiremos em uma grande travessia de águas que eram antes desconhecidas, onde cada um têm a sua história e cada um têm o seu rio. E, desde então, com a união e encontros desses rios, as histórias permanecem correndo lado a lado no coração dos que os atravessam. Porque toda lenda é também promessa: o que um dia foi separado... Hoje se unirá."

No palco, a poética ganha forma a sonoplastia traz o sussurro das águas, o figurino se veste de rio um vestido estampado que flui como correnteza, uma saia florida que floresce como a margem fértil, e um pequeno barquinho que traz memórias e realiza a pesca de outras, desliza sobre o tecido simbolizando que toda travessia também é um aprendizado. Cada elemento se entrelaça compondo imagens que evocam memórias e sentimentos, conduzindo o público a navegar entre lembranças, emoções e ideias que brotam do encontro dos rios-sonho.

## 5 FOZ/ CONCLUSÃO

O percurso desta pesquisa revelou que o rio não foi apenas tema, mas uma presença viva, companheiro silencioso e guia de travessia. Suas águas não serviram apenas de inspiração estética, mas de mestra paciente, ensinando que criar histórias é, antes de tudo, um gesto de escuta e entrega. Escutar o murmúrio das correntezas, os gestos miúdos que acontecem nas margens, as vozes ancestrais que resistem no fluxo do tempo e habitam sua memória líquida, tudo isso tornou-se prática fundamental para compreender que a arte e a educação não se separam, mas se entrelaçam como afluentes que, juntos, formam um mesmo rio.

Nesse fluxo contínuo, a prática artística emergiu como potência pedagógica, porque educar não é simplesmente transmitir conceitos, e sim cultivar sensibilidades, acolher silêncios, aprender com o território e com os modos de vida que nele florescem. Essa experiência convida a romper com a ideia de conhecimento único e universal, abrindo espaço para outras epistemologias e saberes que nascem do corpo, da oralidade, da ancestralidade e da relação profunda com a natureza. Ao navegar por essas águas, compreendi que educar é também desaprender as amarras de uma visão colonial que tentou reduzir a diversidade a um só padrão, e reconhecer que há outras formas de existir e conhecer que brotam da terra, da mata e do próprio curso do rio. A poética pedagógica aqui revelada nasce desse diálogo entre sensibilidade e conhecimento, mostrando que a arte não apenas narra: ela educa, provoca, transforma e desperta outros modos de ver, sentir e habitar o mundo. Cada narrativa construída a partir do rio tornou-se um exercício de escuta do fluxo da memória, do silêncio que guarda segredos, do canto dos povos originários e ribeirinhos que dialogam com as águas desde tempos imemoriais, resistindo e mantendo viva a força de suas culturas. Nesse encontro entre imaginação e experiência, entre corpo e território, ergueram-se espaços de descoberta e reinvenção, onde o rio, transmutado em palavra, revelou-se um livro vivo um arquivo não escrito, capaz de ensinar tanto pela beleza que carrega quanto pelas inquietações que provoca, rompendo com verdades únicas e abrindo caminhos para outros modos de saber e existir.

Concluir esta pesquisa é, portanto, reafirmar que contar histórias sobre o rio é também aprender com ele. É reconhecer que a arte, quando enraizada na ancestralidade e aberta à diversidade de saberes, educa ao despertar olhares mais atentos, ao aproximar mundos, ao convocar cada sujeito a navegar por suas próprias travessias. Não há ponto final, mas movimento: como as águas, a criação segue em correnteza, insurgente e fecunda, reinventando margens, narrativas e sentidos. E, assim como o rio, que nunca cessa, esta experiência segue aberta, desaguando em novas histórias que ainda não nasceram.

**Acesso Para O Vídeo De Apresentação Da Poética**



## REFERÊNCIAS

SOUZA, Cinthia Barreto Santos et al. Rotas Metodológicas de um Barco à Deriva. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira et al. (orgs.) Autoetnografia colaborativa e investigação Autobiográfica: a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares. Curitiba: Juruá, 2016.

FORTIN, Sylvie; trad. HELENA MELLO, S. Contribuições Possíveis da Etnografia e da Autoetnografia para a pesquisa na prática artística. Cena, [S. l.], n. 7, p. 77, 2010. DOI: 10.22456/2236-3254.11961. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>. Acesso em: 10 jul. 2023.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A arte como encantaria da linguagem. São Paulo: Escrituras Editora, 2008. (Coleção Ensaios Transversais, 36).

ARAÚJO SILVA, Marluce Cristina. Doular a voz que conta : uma experiência fenomenológica da voz como performance. 2019. 87 f. : il. Color. Dissertação (Mestrado em Artes/Teatro) - Programação de Pós graduação em artes. PPGARTES, Universidade Federal do Pará. Disponível em: <https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/469-2022>. Acesso em: 10 Jul.2023

ZUMTHOR, Paul, Performance, Recepção, Leitura, poéticas da oralidade, São Paulo: Educ. 2000.

MACHADO, Ana Maria. Textura: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

STRIEDER C M. Arquetipo água: fonte de vida e de expressão, Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa. 2019 Disponível em <https://blog.ijep.com.br/o-arquetipo-agua-fonte-de-vida-e-de-expressao/>

MANDARINO ANA C. E ESTÉLIO GOMBERG ESTÉLIO, Água e ancestralidade jeje-nagô: possibilidade de existências. Programa de Pós-graduação em História da UnB, 22 de dezembro de 2010.

PAULA, C. E. F. . Ensaio sobre a chuva: procedimento e liquidez . Revista Do Colóquio, (20), 91–103. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/35463>

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970 (23ª edição, 1994).